

NEVES, FRANCISCO RAMOS DE ANDRADE

*militar; ch. Dir. Mat. Bél. Ex. 1927-1930; ch. EM Pres. Rep. 1930; ch. EM Gov. Prov. 1930-1931; ch. EME 1932-1934; min. STM 1934-1941.

Francisco Ramos de Andrade Neves nasceu no dia 31 de maio de 1874 no Rio Grande do Sul. Era bisneto de José Joaquim de Andrade Neves, barão do Triunfo, herói da Guerra do Paraguai.

Sentou praça em março de 1889, sendo promovido a segundo-tenente em 1893, a primeiro-tenente em 1901, a capitão em 1908 e a major em 1916. Nesse último ano assumiu o comando do destacamento do forte de Copacabana. Em 1919 foi promovido a tenente-coronel e designado chefe da 2ª Seção do Estado-Maior do Exército.

Em 1920 foi indicado representante militar do Brasil na Comissão Permanente Consultiva para Questões Militares, Navais e Aéreas da Sociedade das Nações, e no ano seguinte foi escolhido presidente da subcomissão militar da Comissão Permanente Consultiva do mesmo organismo. Em 1922 representou o Brasil nas comissões Econômica e Financeira e de Repartição de Despesas da Sociedade das Nações e foi promovido a coronel. Em 1923 foi consultor técnico da delegação brasileira à IV Assembleia da Sociedade das Nações e designado adido militar da embaixada do Brasil na Bélgica, onde permaneceu até 1925. De volta ao Brasil, foi nomeado diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e em 1926 foi promovido a general de brigada. Em 1927 deixou o arsenal e foi nomeado diretor de Material Bélico do Exército, cargo em que permaneceu até 1930.

Ainda no governo de Washington Luís, no dia 10 de setembro de 1930 foi nomeado chefe do Estado-Maior da Presidência da República. Ocupava esse posto quando, no final do mês, foi procurado por Lindolfo Collor, líder político gaúcho, que, a mando de Getúlio Vargas, se encontrou no Rio de Janeiro com vários oficiais de alta patente ainda não comprometidos com a revolução que se pretendia desencadear para depor Washington Luís. Segundo Hélio Silva, esses contatos não foram satisfatórios, porque Andrade Neves se mostrou na ocasião muito reticente quanto a uma possível adesão sua ao movimento. No entanto, segundo João Neves da Fontoura, Collor conseguiu o apoio dos generais Andrade Neves, Augusto Tasso Fragoso e Alfredo Malan d'Angrogne, aos quais se juntariam mais tarde outros oficiais importantes do Exército e da Marinha.

No dia 24 de outubro Washington Luís foi deposto, formando-se uma junta provisória para governar o país, constituída pelos generais Tasso Fragoso e João de Deus Mena Barreto e pelo almirante José Isaías de Noronha. No dia 3 de novembro Vargas recebeu dessa junta o poder presidencial, como delegado da revolução. Com a ascensão de Vargas, Andrade Neves foi mantido na chefia do Estado-Maior da Presidência da República, agora denominado Estado-Maior do Governo Provisório (4/11/1930). Promovido a general de divisão em abril de 1931, foi nomeado comandante da 3ª Região Militar, sediada em Porto Alegre.

Em 1932, no período que antecedeu a eclosão da Revolução Constitucionalista em São Paulo, a inquietação política, que era grande nesse estado, se estendeu até Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Andrade Neves, ainda comandante da 3ª RM, mantinha nessa ocasião contatos com a Frente Única Gaúcha (FUG), coalizão do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) com o Partido Libertador (PL). Borges de Medeiros, presidente do PRR, prometera apoio a São Paulo, enquanto o governador do estado, Flores da Cunha, negociava ao mesmo tempo com o governo federal e com os paulistas.

Preocupados com a possibilidade de Andrade Neves vir a apoiar os constitucionalistas de São Paulo, os revolucionários de 1930 vinculados ao Clube 3 de Outubro, organização tenentista, pressionaram o ministro da Guerra, José Fernandes Leite de Castro, para que interferisse de algum modo na 3ª RM a fim de sabotar as relações entre o general Andrade Neves e a FUG. Através de uma série de manobras, como nomeações e transferências de comandantes de corpos de tropas sem consulta a Andrade Neves, e recusando ao mesmo tempo suas indicações, o ministro da Guerra conseguiu neutralizar seu campo de influência e ação. Em consequência, em telegrama enviado ao ministro da Guerra no dia 30 de maio de 1932, o comandante da 3ª RM solicitou sua exoneração do cargo, atitude que já tomara duas vezes sem ser atendido.

Esse pedido de exoneração provocou uma crise no governo gaúcho. Necessitando do apoio da FUG, à qual o general Andrade Neves continuava ligado, Flores da Cunha ameaçou renunciar e telegrafou a Osvaldo Aranha, afirmando que a saída do comandante da 3ª RM perturbaria a ordem pública. Osvaldo Aranha debateu o assunto com Vargas, que procurou temporizar por alguns dias. Finalmente, o chefe do governo provisório decidiu exonerar o ministro da Guerra, reafirmando sua confiança no comandante da 3ª RM e solicitando que

permanecesse no posto.

No dia 9 de julho, data da eclosão da Revolução de 1932 em São Paulo, Andrade Neves retornou de uma viagem curta que realizara e reassumiu o comando da 3ª RM. A partir de então, definiu-se o panorama gaúcho: Flores da Cunha e Andrade Neves apoiaram Vargas, rompendo com a FUG, que ficou do lado dos paulistas, e puderam controlar o Exército e a Brigada Militar, dominando a situação no estado.

No dia 16 de agosto o chefe do Estado-Maior do Exército, Tasso Fragoso, foi demitido, por suspeita de colaborar com os revolucionários. Andrade Neves teve seu nome sugerido por Pedro Aurélio de Góis Monteiro, comandante das forças governistas, e assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército (EME) no dia 22 de agosto seguinte. Em outubro, ao fim de quase três meses de combate, os revoltosos de São Paulo foram derrotados, e o poder de Vargas ficou amplamente confirmado.

Andrade Neves permaneceu na chefia do EME até agosto de 1934, quando foi nomeado ministro do Superior — então Supremo — Tribunal Militar (STM). Eleito presidente do STM em 1938, foi reeleito em 1940, e em 1941 aposentou-se por decreto.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 15 de janeiro de 1951.

Foi casado com Zalda Vilela de Carvalho Andrade, filha do marechal Fernando Setembrino de Carvalho, ministro da Guerra de 1922 a 1926, com quem teve três filhas.

Roberto Pechman

FONTES: CONSULT. MAGALHÃES, B.; CORRESP. SUP. TRIB. MILITAR; FIGUEIREDO, E. *Contribuição*; FONTOURA, J. *Memórias*; *Grande encic. Delta*; JARDIM, R. *Aventura*; *Jornal do Comércio*, Rio (15, 16/1/51); MIN. GUERRA. *Almanaque*; NOGUEIRA, F. *Supremo*; SILVA, H. 1935; SILVA, H. 1938.